

Nos 150 anos de morte de Almeida Garrett*

Nota prévia ao novo Romancelheiro de Almeida Garrett: Tal como conhecemos, a recolha de trechos populares, contados e cantados pela gente do povo – do “povo-povo, o povo dos campos”, como o próprio Garrett precisou –, dando origem à compilação do primeiro *Romancelheiro* da tradição oral portuguesa, não se cumpriu na totalidade do projecto que o seu autor apresentou. Conforme a arquitectura da edição, que o autor se propunha apresentar em 1851 sob a chancela da Imprensa Nacional – e excluindo o primeiro volume que compreendeu os “romances reconstruídos”, da lavra de Garrett, a partir da matéria popular –, foi apenas editado em dois volumes o livro de “romances cavalherescos antigos de aventuras”.

Recentemente, inéditos, foram encontrados os livros respeitantes a «lendas e profecias», pertença dos actuais herdeiros da biblioteca e espólio outrora deixado por Fernando Deslandes, ilustre bibliófilo e director da Imprensa Nacional no último quartel do século XIX.

Luís Augusto Costa Dias**

Fonte da Cruz

Almeida Garrett

As primeiras e últimas coplas deste romance são uma das mais antigas reminiscências de minha infância. Estou daqui vendo ainda o grupo de crianças que nos sentávamos no chão para o ouvir cantar a uma certa piquena pouco mais velha que nós, filha de uma boa mulher que fora ama de leite de minha mãe. Isto é dizer que eu teria quatro anos, os mais velhos de entre nós seis ou sete, e a nossa cantora os seus oito ou nove anos. Era uma santa gente que morava para o Bom Jardim no Porto, e vivia de piqueno mas honesto tráfico, protegidos por

* Com leitura do romance manuscrito feita por Luís Augusto Costa Dias, publica-se aqui a lenda de “Fonte da Cruz” que está compreendida entre os inéditos do *Romancelheiro* de Almeida Garrett.

** Investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (Ceis20/Universidade de Coimbra), Grupo de Estudo das Correntes Artísticas e Movimentos Intelectuais. Doutorando em História da Cultura, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

meus pais. A filha ia passar oito e quinze dias no “Castelo”, pequena quinta nossa, situada daquém-Douro. E era um dia de alegria o em que ela chegava, um choro que não acabava quando se partia. Porque ela sabia, além destes cantares ao divino, todas as xácaras da Silvana, da Bela infanta, e mil outras histórias em prosa e verso, como as da “Maria Cortiço”, da “Maria Sabida”, do “Rei dos Ratos”, “Gata borralheira”, “Rei Ramiro”, além de infinitas aventuras de bruxos, lobisomens, moiras incantadas, duendes etc. cujos títulos individuais me não lembram; era um romancero vivo, uma segunda e mais completa edição daquela erudita e copiosa Brígida velha que, em outros lugares de minhas escrevinhaduras, tenho celebrado e citado.

Estas primeiras e últimas coplas eram as que só me lembravam quando a nossa lavadeira, que é uma boa mulher de Loires¹ aqui veio hoje, 15 de Abril de 1843, e a ouvi estar cantando a trova na cozinha donde a chamei, e sem grande dificuldade – coisa rara! – pude obter que ma deixasse copiar. O que fielmente fiz, emendando apenas algum verso que vinha estirado ou curto demais: que poucos foram.

(*)

Deixa-me ir à fonte nova
Que nasceu ao pé da Cruz:
É o sangue do cordeiro
Que se chama o bom Jesus.

Um cego, que abriu a fonte,
O cego já achou luz,
Que lhe deu água nos olhos
Da fonte da vera Cruz.

Fonte nova, fonte santa,
Fonte de amor que reluz!
Santa Maria ao pé dela,
San’ João com seu capuz.

¹ Entenda-se: *Loures*, localidade da «região saloia», em volta de Lisboa, cujas famosas lavadeiras e camponesas alimentaram muitas das recolhas para o *Romanceiro* de Garrett.

Outra fonte fazem ambos
 A chorar o seu Jesus.
 – “Minha mãe, esse é teu filho”
 Diz o Salvador da cruz,
 “João, essa é tua mãe,
 Que assim o quero e dispus
 À hora da minha morte;
 E cá vos fique esta luz:

Que o meu amor não tem fim,
 E que entre vós dois o pus
 Para se lavar o mundo
 Na fonte da vera Cruz.”

Quem quer vir à fonte nova
 Que se fez ao pé da Cruz?
 É o sangue do cordeiro
 Que se chama o bom Jesus.

(*) Na transcrição dos manuscritos para esta publicação, desdobraram-se abreviaturas e pontuou-se raramente para compreensão dos textos, mantendo embora a redacção de palavras peculiares na ortografia garretttiana (como *incarregar* ou *incantadas*). – L. A. C. D.